

Inovações nos empreendimentos de Economia Solidária do Projeto Esperança/ Cooesperança de Santa Maria (2010)

Élio Sérgio Denardin (Centro Universitário Franciscano - Unifra) eliodenardin@hotmail.com
Lisandra Taschetto Murini (Centro Universitário Franciscano - Unifra) lisandra@unifra.br
Tatiana L. Duarte (Centro Universitário Franciscano - Unifra) tatianeld@yahoo.com.br
Lurdes Dill (Projeto Esperança/ Cooesperança) projeto@esperancacoesperanca.org.br

Resumo:

No presente momento, marcado por novas necessidades e desafios, a busca de inovação pelas organizações configura-se como uma oportunidade e um diferencial para manter-se e crescer no mercado. O objetivo geral do estudo foi verificar as principais inovações implementadas nos empreendimentos de economia solidária do Projeto Esperança/Coesperança. Através da ação conjunta e colaboração mútua, a Economia Solidária apresenta-se como uma forma de melhorar o rendimento econômico das famílias vinculadas ao Projeto. No que se refere à metodologia, a pesquisa classifica-se quanto à natureza como quantitativa e qualitativa, quanto aos objetivos exploratória e descritiva e quanto aos procedimentos estudo de campo. Para a coleta dos dados utilizou-se de uma entrevista estruturada aplicada aos proprietários de 50 empreendimentos, indicados pela Coordenação do Projeto por salientarem-se no desempenho. Destacam-se como resultados da pesquisa, que os grupos atuam principalmente na confeitaria, nos artesanatos e hortifrutigranjeiros. Entre as inovações mais significativas evidenciaram-se as inovações nos produtos, mercados, atendimento ao cliente, em conhecimentos e tecnologia. Pode-se perceber que o grupo, utiliza-se da inovação a fim de gerenciar seus empreendimentos, através de suas decisões, no sentido de proporcionar melhorias no conjunto do seu trabalho. As principais vantagens econômicas das inovações são para sustentabilidade dos projetos e para complementação de outra atividade que exercem. Concluiu-se que a maioria dos grupos não atingiu sua autonomia e são empreendimentos inovadores que buscam sustentabilidade para várias famílias através da economia solidária presente do Projeto Esperança/ Cooesperança.

Palavras-chave: Empreendimento; Economia Solidária; Inovação.

Innovations in the enterprises of Solidary Economy of the Project Hope Cooesperança de Santa Maria (2010)

Abstract:

At the present moment, marked for new necessities and challenges, the search of innovation for the organizations is configured as a chance and a differential to remain themselves and to grow in the market. The general objective of the study was to verify the main innovations implemented in the enterprises of solidary economy of the Project Hope/Coesperança. Through the joint action and mutual contribution the Solidary Economy is presented as a form to improve the economic income of the entailed families to the Project. As for the methodology, the research is classified how much to the nature as quantitative and qualitative, how much to the objectives exploratory and descriptive and how much to the procedures field study. For the collection of the data it was used of an interview structuralized applied to the proprietors of 50 enterprises, indicated for the Coordination of the Project for being outstanding in the performance. They are distinguished as resulted of the research, that the groups act mainly in the confectionery, in the craft and hortifrutigranjeiros. It enters the innovations

most significant had proven the innovations in the products, markets, attendance to the customer, in knowledge and technology. The group can be perceived that, is used of the innovation in order to manage its enterprises, through its decisions, in the direction to provide improvements in the set of its work. The main economic advantages of the innovations are for sustentability of the projects and complementation of another activity that exert. One concluded that the majority of the groups did not reach its autonomy and is innovative enterprises that search sustentability for some families through the present solidary economy of the Project Coesperança Hope.

Key-Word: Enterprise; Solidary economy; Innovation.

1. Introdução

No cenário sócio-econômico atual, caracterizado pela crise, competitividade acirrada e desemprego, o ambiente encontra-se propício à geração de novas ideias. Para enfrentar essa realidade surgem as cooperativas de trabalho, sendo animadoras as suas perspectivas de crescimento para a criação de trabalho e renda.

Como uma alternativa dessas cooperativas de trabalho surgiu o Projeto Esperança/Coesperança (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos Vinculados ao Projeto Esperança) congrega e articula os grupos organizados e viabiliza a comercialização direta dos produtos produzidos pelos empreendimentos solidários do campo e da cidade e que fortalecem juntos, um novo modelo de cooperativismo na proposta alternativa, solidária, transformadora e no desenvolvimento sustentável, propondo “a transformação pela solidariedade”. O eixo central de atuação do Projeto está nos pequenos empreendimentos econômicos solidários, com uma proposta diferenciada de produção pelos associados, com sua comercialização direta, (DIOCESE DE SANTA MARIA, s/d).

Icaza e Freitas (2006, p. 27) ressalta que o Projeto Esperança/Coesperança está alicerçado num clima de confiança mútua, reforçado pelos valores da economia solidária: “solidariedade, autogestão, cooperação, reciprocidade”. Afirma que Dom Ivo Lorscheiter reforça sua certeza de que nos pequenos projetos econômicos encontra-se a chave de promoção de um novo modelo de desenvolvimento. Para Adams apud Icaza e Freitas (2006, p.40) “o Projeto Esperança é um desafio à criatividade, à inovação”.

Segundo Leite (2000, p. 420-421), “a inovação é a essência do sucesso coletivo, é a aplicação de novos conhecimentos”. A inovação não somente se refere ao processo de transformação de conhecimento em riqueza, conceber e fabricar produtos aceitos no mercado, mas é essencialmente um processo humano e organizacional de transformação conceitual. A atividade de inovação é uma função do empreendedorismo. E o define como a “capacidade voltada para a inovação [...], está sempre em busca de novas oportunidades para seu negócio” (p.146).

Como os projetos da Economia Solidária já possuem experiência e atuação em diversos estágios, optou-se por realizar um estudo com os Empreendimentos deste Projeto quanto às inovações. O problema da pesquisa é: quais as principais inovações implementadas nos empreendimentos vinculados ao Projeto Esperança/ Coesperança de Santa Maria?

O objetivo geral do estudo é verificar as principais inovações implementadas nos empreendimentos de economia solidária do Projeto Esperança/Coesperança. Os objetivos específicos são: caracterizar os empreendimentos de economia solidária que receberam inovações; identificar os tipos de inovações incrementadas nos empreendimentos; constatar os que já conquistaram autonomia fora do Projeto Esperança/Coesperança.

A importância do estudo das inovações nos empreendimentos pode ter como base a constatação de Hashimoto (2006) que Shumpeter, um dos nomes mais citados em relação ao empreendedorismo, já em 1934, associou o empreendedor à ação inovadora e criativa. As

razões para a pesquisa são evidenciadas por Leite (2000, p. 30), que aponta a “inovação tecnológica como um dos sustentáculos do crescimento econômico e do emprego”. Enfatiza também a carência de estudos sobre o tema. A inovação, como criação e introdução de soluções originais para necessidades novas, deve ser um dos temas centrais para a humanidade, juntamente com a tecnologia, sendo um dos desafios nas próximas décadas.

Justifica-se o desenvolvimento do trabalho pelo fato de que se vive um momento marcado por novas necessidades e desafios. É neste contexto que a inovação aparece como um recurso valioso que proporcionará um diferencial e oportunidade da organização manter-se e crescer no mercado. A busca do desenvolvimento através da atuação conjunta e ajuda mútua configura-se, cada vez mais, como uma forma viável de melhorar a competitividade. Esta ideia é reforçada por Pedó (2007), ao afirmar que Projetos Alternativos Comunitários são empreendimentos na construção e resgate da esperança como alternativa concreta no mundo do trabalho.

A atualidade e relevância dos empreendimentos solidários, é destacada por Gaiger (2003, p.139), em decorrência do “seu caráter multifuncional, sua vocação a atuar simultaneamente na esfera econômica, social e política, a agir concretamente no campo econômico ao mesmo tempo em que interpelam as estruturas dominantes”.

O presente projeto pretende contribuir com o aperfeiçoamento dos empreendimentos do cooperativismo solidário oferecendo-lhes subsídios para seu desenvolvimento a partir da pesquisa. A inovação muitas vezes não vem de competidores mais fortes e mais ricos, mas de iniciativas ousadas, com pequenos passos que acabam provocando grandes mudanças.

2. Economia solidária e inovação

Segundo Singer e Souza (2000), a economia solidária constitui um modo de produção e é composta por empresas que praticam os princípios do cooperativismo. Ela faz parte da economia cooperativa ou social, mas não pode ser confundida com as cooperativas que empregam assalariados, uma vez que a empresa solidária é basicamente composta por trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, a finalidade básica desta economia não é maximizar lucro, mas a quantidade e a qualidade do trabalho.

A economia solidária originou-se da ajuda de pessoas carentes e excluídas da economia de mercado, não tendo acesso aos bens produtivos, aos serviços, à tecnologia e ao crédito. Foram Criadas as cooperativas que “São sociedades de pessoas, organizadas em bases democráticas, que visam não só a suprir seus membros de bens e serviços, como também a realizar determinados programas educativos e sociais” (PINHO, 2004, p. 124).

Para Singer as origens históricas da economia solidária, aparecem logo após o capitalismo industrial, como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos, provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção. A exploração do trabalho nas fábricas não tinha limites: as crianças começavam a trabalhar prematuramente; os trabalhadores viam-se obrigados a enfrentar jornadas de trabalho exageradamente longas e fisicamente debilitantes, impactando negativamente a produtividade do trabalho perseguida a todo custo pelos empresários (SINGER, 2005).

A cultura da cooperação é uma filosofia e um processo educacional. Como filosofia, pressupõe a crença em princípios humanísticos e o auxílio-mútuo para promover melhor qualidade de vida para todos. Como processo educacional, ajuda a construir novos valores de vida, como uma sociedade mais justa, com melhor distribuição de renda, com mais dignidade, solidariedade e felicidade. O cooperativismo solidário, que denomina de novo cooperativismo, está contribuindo para o desenvolvimento econômico e social absorvendo a

força de trabalho dos setores informais, contando com o apoio do atual governo federal para amenizar o desemprego, a fome e a exclusão (PINHO, 2004).

De acordo com Lange (2009), a Economia Popular Solidária diferencia-se da empresa capitalista, porque no seu contexto existe um processo de mudança de paradigma, onde o participante adota uma postura de cooperador, membro de um coletivo, responsável com o grupo das tomadas de decisões, sendo cada um responsável por si e pelos demais, aumentando os conhecimentos relativos ao social, econômico, afetivo e ideológico.

A economia solidária relaciona-se ao empreendedorismo, o qual para Longenecker e Schoen apud Hashimoto (2006) tem sua essência em três elementos localizados no coração da atividade empreendedora: a inovação, o risco e a autonomia. Ressalta que esses elementos só qualificam o empreendedorismo quando estão juntos, pois, sozinhos, podem ser considerados características assumidas por qualquer executivo ou empresário.

Na visão de Souza e Guimarães (2006), o empreendedorismo está associado à inovação e o empreendedor é inovador com características que compreendem criatividade, persistência, internalidade, liderança, iniciativa, flexibilidade, habilidade em conduzir situações e habilidade na utilização de recursos.

Para Barbieri, Alvares e Cajazeira (2009, p. 23) o “processo de inovação parte de uma ideia inicial, à qual vão se agregando outras ideias no decorrer do tempo” [...] “novas ideias irão acompanhá-lo no sentido de aperfeiçoá-lo ao longo do seu ciclo de vida”.

O modelo de inovação conforme Barbieri, Alvares e Cajazeira (2009, p. 29) “baseia-se na formação de redes de organizações diversas em que se desenvolvem diferentes formas de intercâmbio”, como acordos, compartilhamento do banco de dados e parcerias com objetivo múltiplo. Assim requerendo vínculos fortes que permitam gerir fluxo intenso de informações e conhecimento de diversas naturezas.

O conceito de inovação na visão do Sebrae (2009) apud Bautzer (2009) possui diversos, sentidos, como nova ideia que produz resultados ou processo estratégico, adoção de novas tecnologias que permitem aumentar a competitividade de uma empresa e pode ser novas capacidades. Algumas formas de inovações: reduzir custos, agilizar processos, desenvolver produtos e serviços com mais qualidade ao consumidor, preocupação com fidelização e manutenção de vantagem competitiva.

A inovação sistemática, para Drucker (2002), consiste na busca deliberada e organizada de mudanças, e na análise sistemática das oportunidades que tais mudanças podem oferecer para a inovação econômica e social. A maioria das inovações bem sucedidas explora a mudança. A inovação é a base do conhecimento do empreendimento, é uma disciplina de diagnóstico, um exame sistemático das áreas de mudança que oferecem oportunidades empreendedoras.

Inovação hoje “está relacionada com a capacidade de empreender, de fazer diferente e proporcionar ao mercado novas experiências de processos e de tendências” (BAUTZER, 2009, p. 2). Acrescenta que para inovar significa “fazer o novo”, diferenciar, surpreender. Para Furtado (2009) apud Bautzer, (2009, p. 2) “a inovação está associada aos esforços das empresas para construir espaços econômicos mais adequados, mais consistentes, capazes de projetar o seu futuro”.

De acordo com Bautzer, (2009, p. 3) as empresas brasileiras vem se mostrando cada vez mais preocupadas com o potencial inovativo. A inovação pode atender o requisito de gerenciar o processo de mudança de forma sustentável, tornando-se essencial para a sustentabilidade das empresas. A sua importância consiste no fato de agregar valor aos produtos e serviços e gerar força competitiva para a organização, diferenciando-a. Possibilitam que as empresas acessem

“novos conhecimentos, novos mercados, aumentem suas receitas, realizem novas parcerias, aumentem o valor de suas marcas e percebam novos nichos latentes de mercado” (p. 5).

Conforme Schumpeter (1934) apud Bautzer, (2009), a inovação pode ser relacionada aos aspectos técnicos, mercadológicos e organizacionais. Ainda a classifica em cinco tipos: inovação como a introdução de um novo bem com o qual os consumidores não estão familiarizados; inovação como a introdução de um novo método de produção; inovação como abertura de um novo mercado, no qual a área de uma empresa ainda não tenha penetrado; inovação como conquista de uma nova fonte de matéria-prima ou de bens parcialmente manufaturados, já existente ou não; inovação como o aparecimento de uma nova estrutura de organização em um setor.

Inovar em processos significa implementar um novo processo de produção, um novo sistema de distribuição, novos conceitos sobre logística e suprimentos, repensar seus bens e serviços ou agregar novo significado que modifique a forma de fazer as coisas.

Segundo Bautzer (2009), o Brasil, apesar de ser reconhecido como povo criativo, não tem tradição formal de inserir a inovação nas estruturas de negócios. Por isso recomenda a difundir os benefícios da inovação para as empresas, incentivando as pessoas serem empreendedoras, estimulando a capacidade de propor o novo.

No que se refere à inovação, afirma Hashimoto (2006, p. 4), que “o papel do empreendedor não se limita a criação de negócios, ele compreende também a criação de um método de produção, abertura de um novo mercado, a busca pela alternativa de materiais e a promoção de mudanças estruturais na organização”. Acrescenta que o empreendedor goza de autonomia para definir os objetivos, decidir sobre o uso de recursos, escolher as estratégias de ação e até mesmo para buscar oportunidades relevantes. Depende de diversos participantes do ambiente de negócios tais como: parceiros, sócios, clientes, fornecedores, funcionários, dentre outros, daí a razão de que sua visão está muito mais centrada no ambiente externo do que no interno.

Quanto maior a incerteza, maior a imprevisibilidade dos resultados. Devido a isto nenhum empreendimento está livre de riscos. O risco é composto por três fatores básicos utilizados pelo empreendedor para fazer a estimativa do mesmo em um empreendimento: as variações aos quais produtos, processos e serviços estão sujeitos; probabilidade de ocorrência de tais anomalias e a gravidade das conseqüências dessas ocorrências. Se a combinação desses elementos for grande, então o risco é grande (HASHIMOTO, 2006).

Hoje, a busca pela inovação é cada vez maior. A inovação é necessária como fator diferencial na oferta, como meio de localizar a preencher nichos ainda não ocupados no mercado e como forma de se manter atualizado em relação à produtividade da concorrência (PINCHOT, 2004).

3. Metodologia

A abordagem do estudo foi quantitativa e qualitativa. Conforme Diehl e Tatim (2004) a quantitativa caracteriza-se pelo uso da quantificação na coleta e no tratamento das informações por meio de técnicas estatísticas. A pesquisa qualitativa descreve a complexidade do problema e a interação de variáveis e classifica os processos dinâmicos.

Quanto aos objetivos a pesquisa foi do tipo exploratória e descritiva. Segundo Malhotra (2006) a finalidade principal da pesquisa exploratória é a descoberta de ideias e dados, enquanto que a descritiva procura descrever suas características.

O presente estudo tem como embasamento teórico a pesquisa bibliográfica, seguida da pesquisa de campo com uma amostra de 50 empreendimentos indicados pela Coordenação do Projeto por se destacarem em seu desempenho, de uma população de aproximadamente 200

grupos que pertencem ao Projeto Esperança/ Cooesperança, dos quais se esperava possuírem inovações significativas.

A coleta de dados realizou-se nos meses de abril e maio nas feiras que acontecem semanalmente no Terminal de Comercialização Dom Ivo Lorscheiter e também na feira que acontece mensalmente na Praça Saldanha Marinho tendo sido utilizada uma entrevista estruturada com 15 questões fechadas e 4 abertas, aplicada aos proprietários dos empreendimentos por ocasião de suas reuniões ou durante as vendas nas respectivas tendas. Os dados foram processados no programa Sphinx, seguido da análise das tabelas e descritiva qualitativa.

4. Inovações nos grupos do Projeto Esperança/ Cooesperança

A seguir serão apresentados os resultados da pesquisa aplicada aos proprietários de 50 grupos participantes do Projeto Esperança/ Cooesperança de Santa Maria.

Os grupos vinculados ao projeto de Economia Solidária trabalham com diversas atividades, tais como: confeitaria 38%, artesanatos (roupas, bijuterias, ornamentos, brinquedos, cuias) 34%, hortifrutigranjeiros (mudas e flores) 24%, seguido de outras de menor participação laticínios 14%, bebidas (vinhos e licores) 8%, apicultura 8%, e mercearia 6%. Os tipos de empreendimentos refletem as características da economia da região de Santa Maria, sendo, do ponto de vista econômico, considerada basicamente agrícola, formada por pequenas e médias propriedades e também voltada para a atividade comercial.

Evidenciou-se que a maior concentração dos grupos é de 3 a 5 pessoas com um percentual de 28% e de 6 a 10 pessoas com 26%, totalizando 54%, de 1 a 2 e de 11 a 15 pessoas com 16%, de 16 a 20 pessoas 8%, de 26 a 30 pessoas 4% e 21 a 25 pessoas 2%. O tamanho dos grupos encontrados facilita a integração e comunicação entre seus componentes para o trabalho, proporcionando uma gestão eficiente e eficaz.

Constatou-se que 30% dos empreendimentos têm sua existência de 6 a 10 anos, 20% de 3 a 5 anos, com 18% até 2 anos e de 11 a 15 anos respectivamente, 10% de 16 a 20 anos e 4% de 21 a 25 anos. Os empreendimentos, de modo geral, possuem uma experiência relevante, pois 62% estão atuando na Economia Solidária acima de 5 anos proporcionando solidez sustentável, porque se mantiveram no mercado gerando renda e trazendo sustento para suas famílias de forma solidária e cooperativa e desenvolvendo uma produção orientada para a preservação do meio ambiente. O sucesso desses empreendimentos solidários pode ser considerado resultado ou fruto da orientação segura do Projeto Esperança/Coesperança.

Questionados sobre a implementação de inovação nos projetos, percebeu-se que 98% as efetuaram em seus empreendimentos, o que mostra uma dinâmica na sua atuação. Na tabela 1 estão relacionadas às principais inovações acontecidas nos projetos.

Tipos de inovação	Frequência	Porcentual
Novo projeto ou associação	6	12,0%
Nova concepção do negócio	8	16,0%
Na gestão	10	20,0%
Criação de novas estratégias	17	34,0%
Mudanças na estrutura organizacional do projeto	10	20,0%
Nova matéria prima	15	30,0%
Novos produtos	30	60,0%
Novos serviços	5	10,0%
Novas tecnologias de produção	18	36,0%
Recursos de transfor. de conheç. em riqueza	9	18,0%
Na distribuição	8	16,0%

Busca de novos mercados	20	40,0%
Nos relacionamentos com fornecedores	13	26,0%
No atendimento ao cliente	19	38,0%
Aplicação de novos conhecimentos	18	36,0%
Tratamento das questões ambientais	16	32,0%
Outros	1	2,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 1: Tipos de inovação no projeto de seu grupo

As inovações mais implementadas no projeto foram referentes aos produtos no conceber e fabricá-los com 60%, com 40% novos mercados, 38% no atendimento ao cliente, 36% com novos conhecimentos e novas tecnologias de produção abrangendo processos e equipamentos respectivamente, com 34% criação de novas estratégias, 32% investiram em tratamento de questões ambientais, 30% buscaram nova matéria prima, 26% buscaram relacionamentos com fornecedores, 20% inovaram na gestão. Também foram enriquecidos com novos recursos humanos e materiais, nova concepção de negócios, distribuição dos produtos, novos projetos e serviços. Ressalva-se que esses aspectos referentes à inovação tem sua base na literatura.

Os projetos dos grupos inovaram basicamente nos seguintes aspectos, sendo apresentados por ordem de maior incidência:

- Novo projeto ou associação (empresa, negócio): ampliação da área e embutidos.
- Nova concepção do negócio/ modelos de negócio: busca alternativas para gerar renda cooperativa e solidária; melhor estilo para abordagem; venda direta; implantou novo pomar.
- Na gestão: introduz gestão colegiada e participativa; integração com outros grupos; melhor organização nas despesas da propriedade; administração da propriedade como empresa; criou visão de solidariedade.
- Criação de novas estratégias: qualificação de pessoal, formação e treinamento; melhor abordagem e atendimento; amizade com clientes; nova maneira de trabalhar; novo prédio para diversos produtos; produção do que tem maior demanda na época; melhoria no produto; produtos e embalagens diversificados; promoção de produtos; permanecer com empreendimentos viabilizados.
- Mudanças na estrutura organizacional do projeto: melhor organização; ampliação da estrutura; rodízio de cargos; melhoria no relacionamento interpessoal; integração solidária com outras cooperativas.
- Nova matéria-prima: com mais qualidade e melhor seleção; tintas; latas; reciclagem; lãs, linhas; tecidos; novas sementes; matéria prima mais orgânica possível.
- Novos produtos (conceber e fabricar): naturais, orgânicos, ecológicos, mudas; pinturas em latas, vidros e quadros; imãs de geladeira; crochê, caixas, enfeites, mantas; guardanapos; meias; *decopage*; *patchwork*; toalhas; pastel; bolachas; pães; pão integral com farinha de centeio; novo modelo de cucas; inovações em recheios; queijo; produtos com rótulo próprio e diferentes; melhoria na conservação; novos modelos e com utilidade generalizada; maior quantidade e novas variedades.
- Novos serviços: assistência; oferecer garantia de boa qualidade; entregas especiais, cestas; novas técnicas de massagens.
- Novas tecnologias (métodos, processos, ferramentas, equipamentos) de produção: máquinas, equipamentos e ferramentas mais modernos; aquisição de máquinas maiores; maiores teares; aquisição de máquina para panificação; aquisição de cilindro elétrico, forno elétrico e fritadeira; balança; prateleiras e acrílicos.
- Novos recursos (humanos e materiais) de transformação de conhecimentos em riqueza: investimento em cursos; participação em cargos; busca de conhecimento em cursos, livros, internet; maior comprometimento do grupo.
- Na distribuição: distribuição própria; conjunta; aumentou; aquisição de caminhão.

- Busca de novos mercados: através de feiras e pontos de comercialização; na praça; entrega para mercados; procura parceiros comerciais; regional; venda sob encomenda; cozinhas comunitárias (fome zero); divulgação em rádios, panfletos, feiras e meios eletrônicos.
 - Nos relacionamentos com fornecedores: diálogo pela rede; parcerias; compra conjunta; busca de melhor qualidade; conquista de novos fornecedores e ampliação de produtos.
 - No atendimento ao cliente: melhorou o atendimento, atenção, personalização; atende suas necessidades; bom relacionamento; mais diálogo; tratamento com respeito e alegria; dinamismo e prática; tornar o cliente parceiro; informações sobre qualidade dos produtos; modo de apresentar e embalar os produtos.
 - Aplicação de novos conhecimentos: aplicação dos conhecimentos dos cursos; criação de novos produtos; nos meios de produção; sobre materiais e na sua separação.
 - Tratamento das questões ambientais: reciclagem; seleção de materiais, lixo; conservação ambiental; criou ciclo de reaproveitamento em harmonia com o meio ambiente; destinação para resíduos; inovações na agroindústria; não usar agrotóxico; evitar poluir açudes.
- Na tabela 2, para a maioria (62%) dos projetos as necessidades de inovações surgiram do interesse do grupo, para 28% buscaram competir com a concorrência e 22% pelo processo lento de produção e 6% pela pouca aceitação do produto.

Necessidades	Frequência	Porcentual
Pouca aceitação do produto pelo cliente	3	6,0%
Processo lento de produção	11	22,0%
Competição com concorrência	14	28,0%
Interesse do grupo	31	62,0%
Outros fatores	11	22,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 2: Necessidades que levaram a inovação

Conforme o porcentual acima os membros do grupo têm uma interação forte entre eles, adotando uma postura de cooperador, que é uma das características dos participantes da economia solidária como foi mencionado na teoria por Singer e Souza (2000) e Pinho (2004). Na tabela 3 os objetivos apontados para realização de inovações com 48% foram a busca de novas oportunidades, 46% para atender novas demandas, 36% adaptações a novas condições dos clientes, 30% visando buscar recursos disponíveis.

Objetivos da inovação	Frequência	Porcentual
Atender novas demandas	23	46,0%
Adaptação às novas condições dos clientes	18	36,0%
Buscar novas oportunidades	24	48,0%
Utilizar recursos disponíveis	15	30,0%
Busca de um diferencial competitivo	12	24,0%
Categoria n° 6	0	0,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 3: Objetivos da inovação

De acordo com a teoria de Hashimoto (2006) uma das principais características do empreendedor inovador é a busca por novas oportunidades, demonstrando assim uma forte tendência empreendedora inovadora dos integrantes dos empreendimentos.

A tabela 4 demonstra os atributos relacionados com a inovação, destacando-se a persistência com 72%, seguidos do desejo de criar e inventar com 58%, também a visão para detectar

tendência e coragem 44% respectivamente e com 34% flexibilidade. Percebe-se que o grupo considera a persistência como ponto forte para seguir em frente, as outras duas características estão direcionadas à inovação, enfatizadas pelos participantes do Projeto como um dos principais atributos da inovação.

Qualidades/atributos	Frequência	Porcentual
Visão para detectar tendências	22	44,0%
Imaginação	11	22,0%
Coragem	22	44,0%
Persistência	36	72,0%
Flexibilidade	17	34,0%
Desejo de criar e inventar	29	58,0%
Desejo de se comprometer	11	22,0%
Fazer acontecer e impulso	12	24,0%
Outras	1	2,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas

Tabela 4: Qualidades ou atributos com relação à inovação

Em relação às habilidades referentes à inovação, na Tabela 5, salienta-se com 70% criar, 52% divulgar a utilização de novos produtos/serviço/processo e sistema, com 40% utilizar sugestões da equipe. Percebe-se que criar é uma das principais habilidades da inovação, mostra que o grupo está atento às habilidades em relação à inovação.

Habilidades	Frequência	Porcentual
Criar (transformar idéias em realidade)	35	70,0%
Divulgar a utilização de novo produto/serviço/processo e sistema	26	52,0%
Liderar e conduzir situações	13	26,0%
Utilizar sugestões da equipe	20	40,0%
Outras	2	4,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 5: Habilidades (competências) com relação à inovação

Conforme a tabela 6, as fontes de informação para inovar são para 52% a coordenação do Projeto Esperança/ Cooesperança, 46% pela internet, seguidos de 42% leitura de livros, revistas e jornais, 30% de outros projetos.

Fonte de informações	Frequência	Porcentual
Leituras de livros, revistas e jornais	21	42,0%
Internet	23	46,0%
Na coordenação do Projeto Esp./Cooesperança	26	52,0%
Nos outros projetos	15	30,0%
Em empresas	1	2,0%
Outras fontes	11	22,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 6: Onde o grupo busca informações para inovar

Percebe-se que a Coordenação exerce uma influência significativa na atividade dos grupos. Abertura para inovação também se manifesta no fato de recorrer à internet e uma literatura atualizada como fonte de inspiração.

De acordo com a tabela 7, a rede de contato com maior significância é os clientes (86%), seguida de 40% de projetos da mesma natureza e ainda com 22% dos fornecedores.

Redes de contatos	Frequência	Porcentual
Outros projetos desta natureza	20	40,0%
Fornecedores	11	22,0%
Clientes	43	86,0%
Outros	3	6,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 7: Com quem seu grupo mantém redes de contatos

Os dados demonstram que eles estão utilizando as principais fontes para dar a sustentabilidade aos seus empreendimentos que são estar voltados às necessidades dos clientes e atentos às iniciativas e opiniões dos projetos parceiros e de seus fornecedores.

Na tabela 8, constatou-se que o grupo adota diversas posições frente aos riscos erros e falhas, destacando-se com 82% o enfrentamento de riscos com moderação, já 22% têm uma posição de tolerância perante os erros e falhas.

Posição do grupo	Frequência	Porcentual
Tem medo	1	2,0%
Há tolerância	11	22,0%
Não admite erros e falhas	3	6,0%
Enfrenta os riscos com moderação	41	82,0%
Outro	3	6,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 8: Como o grupo se posiciona com relação a possíveis riscos e falhas

Mostrou-se que os integrantes do grupo agem de uma forma equilibrada em relação aos erros, falhas e riscos.

Questionados sobre a autonomia, constatou-se que a maioria (56%) não atingiu total autonomia, ou seja, restringindo sua atuação em eventos e rotinas realizados pelo Projeto Esperança/ Cooesperança e 44% já conquistaram uma certa independência.

Constatou-se na tabela 9, que 56% possuem autonomia para buscar oportunidades relevantes, 52 % para delinear seus objetivos, 44% para escolher alternativas de ação e 40% para decidir sobre a utilização dos seus recursos. Também as atividades autônomas são venda e entrega em mercados e comércio, feira na praça, feiras livres, ponto fixo de venda, participações na Expointer, turismo rural e cooperativismo.

Tem autonomia	Frequência	%
Definir objetivos	26	52,0%
Decidir sobre o uso dos recursos	20	40,0%

Escolher alternativas de ação	22	44,0%
Buscar oportunidades relevantes	28	56,0%
Outros	2	4,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 9: O grupo do projeto tem autonomia

Com relação à aprovação dos projetos na maioria das vezes é realizada apenas pelos membros do grupo (80%) e 30% pela coordenação do Projeto Esperança/ Cooesperança. Percebe-se, desta maneira, que a Coordenação do Projeto age de forma democrática ao coordenar os projetos integrantes. O acompanhamento das inovações é efetuado da mesma forma que a aprovação delas, ou seja, na maioria é acompanhada somente pelos membros do grupo (66%) e 36% pela Coordenação do Projeto, demonstrando um papel de orientação, e 12% dizem que não há acompanhamento, sendo que houveram respostas múltiplas para as alternativas.

Verificou-se na tabela 10 que a principal vantagem econômica das inovações é a lucratividade para o sustento do grupo (54%), seguida de 38% para complementar a atividade dos integrantes do grupo e 30% para ampliação e expansão do negócio.

Vantagens econômicas	Frequência	Porcentual
Lucratividade para o sustento do grupo	27	54,0%
Complementa outra atividade do grupo	19	38,0%
Ampliação e expansão do negócio	15	30,0%
Outras	1	2,0%
Total	50	

Obs. A quantidade de citações é superior à quantidade de observações devido respostas múltiplas.

Tabela 10: Vantagens econômicas das inovações do projeto para a sustentabilidade do grupo

Evidenciou-se que a maioria dos grupos participam do projeto almejando o sustento de suas famílias, o que comprova que o projeto Esperança/Coesperança vem atingindo um de seus objetivos de economia solidária que é a sustentabilidade de seus integrantes.

5. Conclusão

A pesquisa demonstrou que a caracterização principal dos empreendimentos são confeitaria, artesanato e hortifrutigranjeiros, sendo a maioria constituída de 3 a 10 pessoas, com tempo de atuação na atividade de economia solidária diversificado.

Concluiu-se que maioria dos projetos realizou inovações nos produtos, busca de novos mercados, atendimento ao cliente, novas tecnologias de produção, aplicação de novos conhecimentos, criação de novas estratégias, tratamento de questões ambientais e de matéria prima. As inovações foram por interesse dos grupos com o objetivo de busca de novas oportunidades, para atender novas demandas, adaptações a novas condições dos clientes, visando buscar recursos disponíveis e um diferencial competitivo.

Em vista desta análise percebe-se que o grupo, por mais que não tenha um conhecimento científico de inovação, utiliza para administrar seus empreendimentos várias características inovadoras em suas decisões. Embora não tenham conquistado total autonomia, ou seja, a maioria não tem condições de sobreviver por conta própria fora da associação cooperativa, como foi fundamentado na teoria, entretanto mostram-se empreendedores inovadores o que proporciona uma sustentabilidade de seus projetos junto ao Projeto Esperança/ Cooesperança, enfrentando os riscos com moderação. As principais vantagens econômicas das inovações são para sustentabilidade dos projetos e para complementação de outra atividade que exercem. Portanto, visualizou-se a importância que o Projeto Esperança/Coesperança tem para a

sociedade santamariense e região, como uma forte fonte de renda para várias famílias que poderiam estar à margem do desenvolvimento econômico atual.

6. Referências

BARBIERI, José Carlos; ALVARES, Antonio Carlos Teixeira; CARAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. *Gestão de ideias para inovação contínua*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

BAUTZER, Deise. *Inovação: repensando as organizações*. São Paulo: Atlas, 2009.

DIEHL, A. A; TATIM; D.C. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Pearson, 2004.

DIOCESE DE SANTA MARIA. *Projeto Esperança/Cooesperança: uma experiência que deu certo*. Santa Maria: s/data.

DRUCKER, Peter F. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios*. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

GAIGER, Luiz I. Empreendimentos econômicos solidários. In: CATTANI, A D. Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.

HASHIMOTO, Marcos. *Espírito empreendedor nas organizações: aumentando a competitividade através do intra-empendedorismo*. São Paulo: Saraiva, 2006.

ICAZA, Ana M. S; FREITAS, Marcelo R. de (org). *O projeto esperança/cooesperança e a construção da economia solidária no Brasil: relato de uma experiência*. Porto Alegre: Cáritas Brasileira, 2006.

LANGE, Célia M. *A construção de conhecimentos em espaços de economia popular solidária: O sentido pedagógico do projeto esperança/cooesperança?* Ijuí: Pallotti, 2009.

LEITE, Emanuel. *O fenômeno do empreendedorismo*. Recife: Bagaço, 2000.

MALHOTRA, Naresh K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

PEDÓ, Jane Cláudia Jardim. *O cooperativismo na perspectiva da economia solidária: evidências locais a partir da Coopal*. Pelotas: 2007. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal, Fac. Agronomia, UFPel.

PINHO, Diva B. *O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária*. São Paulo: Saraiva, 2004.

PINCHOT, Gifford. *Intra-empendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SINGER, Paul. A economia solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, SONIA M. Portella (org.). *Economia solidária e educação de jovens e adultos*. Brasília: INEP, 2005.

SINGER, P; SOUZA, A. *A economia solidária no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, Edna Castro Lucas; GUIMARÃES, Tomás de Aquino. *Empendedorismo além do plano de negócio*. São Paulo: Atlas, 2006.